



## TRANSIÇÃO AMBIENTAL TRANSICIÓN AMBIENTAL ENVIRONMENTAL TRANSITION

Vilmar Alves PEREIRA<sup>1</sup>

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2548-5086>

**Resumo:** Este ensaio trata de apresentar possibilidades de pensarmos sobre uma nova compreensão a qual denomino de transição ambiental. Trata-se de um esforço hermenêutico de compreender os densos movimentos que nos atravessam e que apresentam desafios gigantescos na luta pela preservação da vida. Desse modo o ensaio parte de uma contextualização a partir da pandemia da COVID19, num primeiro momento; num segundo apresenta alguns aspectos que precedem a referida terminologia e posteriormente, apresenta contornos que buscam tipificar a transição ambiental. O estudo demonstra a necessidade de reconhecermos os amplos movimentos no campo ambiental e sugere reflexões e atitudes que podem contribuir com nossas escolhas e nossa forma de convivência em contexto de aguda crise socioambiental.

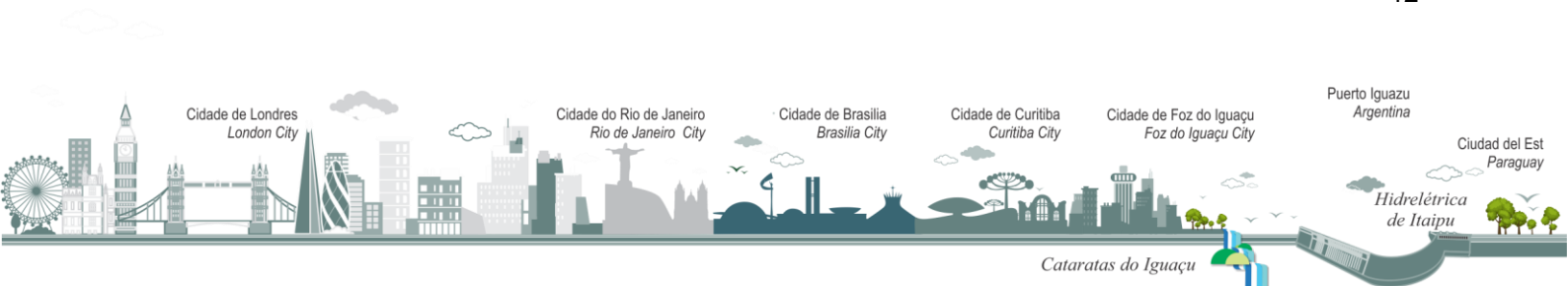
**Palavras-Chave:** Transição. Ambiental. COVID19.

**Resumen:** Este ensayo intenta presentar posibilidades de pensar en una nueva comprensión que llamo transición ambiental. Es un esfuerzo hermenéutico para comprender los densos movimientos que nos atraviesan y que presentan enormes desafíos en la lucha por la preservación de la vida. De esta forma, el ensayo parte de una contextualización basada en la pandemia de COVID19, en un principio; en un segundo presenta algunos aspectos que preceden a la terminología referida y luego presenta trazos que buscan tipificar la transición ambiental. El estudio demuestra la necesidad de reconocer los amplos movimientos en el campo ambiental y sugiere reflexiones y actitudes que pueden contribuir a nuestras elecciones y nuestra forma de convivir en el contexto de una aguda crisis socioambiental.

**Palabras clave:** Transición. Ambiental. COVID-19.

**Abstract:** This essay tries to present possibilities of thinking about a new understanding that I call environmental transition. It is a hermeneutical effort to understand the dense movements that are going through us and which present enormous challenges in the fight for the preservation of life. In this way, the essay starts from a contextualization based on the COVID-19 pandemic, at first; in a second it presents some aspects that precede the referred terminology and later, it presents outlines that seek to typify the environmental transition. The study demonstrates the need to recognize the broad movements

<sup>1</sup> Filósofo, doutor em Educação pela Universidade do Rio Grande do Sul e bolsista de Produtividade do CNPq em Educação – Nível 2. Coordenador de Educação na ARUTEMA. Professor Colaborador da Universidade Internacional do Cuanza – Angola e na Universidade Internacional Iberoamericana – UNINI (México e Porto Rico).





in the environmental field and suggests reflections and attitudes that can contribute to our choices and our way of living together in the context of an acute socio-environmental crisis.

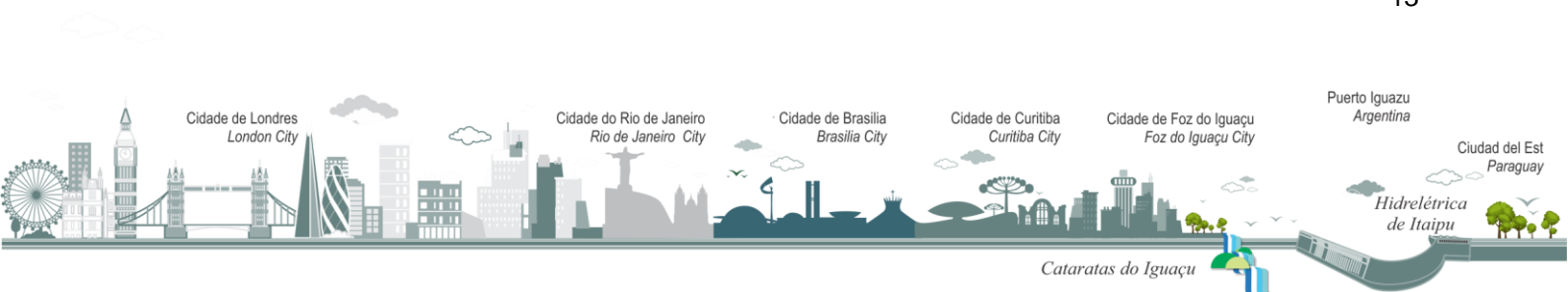
**Keywords:** Transition. Environmental. COVID-19.

## TRANSIÇÃO AMBIENTAL: PRIMEIRAS COMPREENSÕES

Estamos em dezembro de 2020 um ano que não quer mais acabar. Há poucos dias fiz o lançamento da obra *Como está sendo o agora: aprendizagens na travessia da pandemia da COVID19* no II Workshop da Rede Internacional de Pesquisa e Desenvolvimento em Resiliência Ambiental. Começo a refletir sobre a nossa travessia e os movimentos densos que ela possui existencialmente. São movimentos eivados de muito sentido, muitas coisas que até então sequer eram percebidas por mim e por muitos. Momento em que as primeiras pessoas no mundo começam a ser imunizadas pela vacina contra o vírus Sars-CoV-2 e ao mesmo tempo emergem as notícias da sua mutação e a estimativa que variante possa ser 70% mais transmissível do que outras linhagens reforçando em cada um de nós a noção de uma transição entre as incertezas e a busca de segurança.

Há claros sinais de mudanças de rotas, de necessidades impostas e de contingências que reivindicam densos processos de redefinição ontológica nas múltiplas dimensões da vida: a vida que é mitigada a cada dia, e a vida que prossegue a cada instante. Nesse sentido, mesmo sendo atravessado por um turbilhão de notícias e fatos, encontro na escrita um espaço de liberdade existencial para exercer a militância enquanto Educador Ambiental Popular.

As incertezas propiciadas pelas travessias me apontam de modo contundente para a ausência do porto seguro. Ela vem decretada pelos movimentos da travessia, que criam instabilidade na escala axiológica instituída a milhares de anos, mas principalmente reforçadas, na fé científica da modernidade, na subjetividade metafísica que coloca a figura do sujeito em destaque no antropocentrismo, nas teleologias e endereçamentos de uma sociedade, justa, igualitária e feliz.



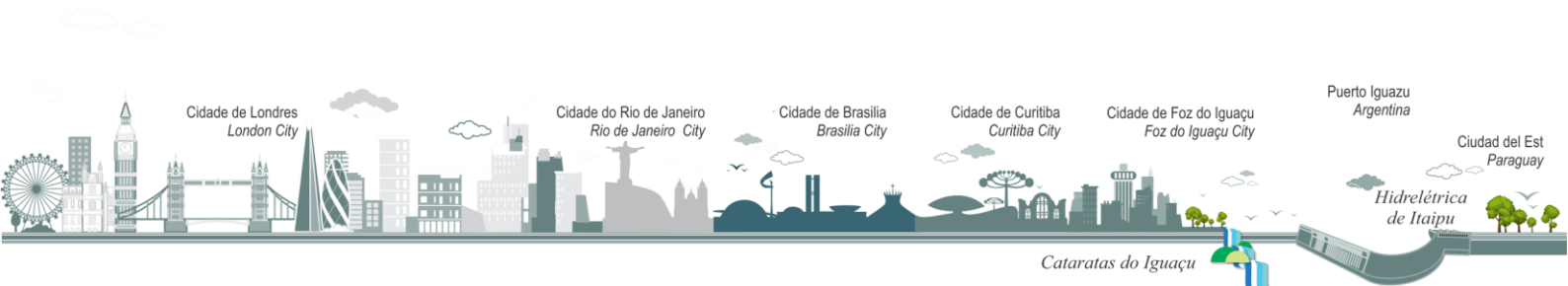


Nesse contexto sou invadido por um turbilhão de possibilidades, de questionamentos, de incertezas, que já possuía, mas que são reforçadas de modo mais intenso no contexto da pandemia, principalmente quando a pauta principal é o sentido que a vida assume quando nossa existência se torna ameaçada. São mais de 1.600 mil pessoas que já morreram no mundo e apenas no Brasil mais de 188 mil até esse dia 22 de dezembro de 2020.

É mediante a esse cenário que sinto a necessidade de escrever livremente sobre como estou percebendo, compreendendo todos esses movimentos, mas principalmente sentindo esses efeitos pelos sentidos e olhares ambientais. É uma escrita que emerge após reflexões, em momentos em que escuto os pássaros que mesmo assim permanecem cantando no quintal de casa. Eu admiro a persistência deles que me impele a continuar sendo, existindo e registrando as compreensões sobre a vida. Foi aí que surgiu a ideia de escrever esse ensaio cujo título é *Transição Ambiental*. Nele estarei me movimentando a partir de alguns questionamentos como: de onde emerge as suspeitas da transição ambiental? Que experiências pretéritas já apontavam para a necessidade da transição ambiental? Qual a importância de percebermos e compreendermos a transição ambiental no contexto da pandemia da COVID19?

Arrisco-me a considerar de que da percepção, compreensão e dos posicionamentos que mantivermos sobre a transição ambiental dependerá o nosso futuro comum no cosmos. Desse modo, ela chega trazendo o movimento, mas também as urgências de posicionamentos que estavam adormecidos pela anestesia de nossas vivências de muitas ações com poucos sentidos ditadas pelas necessidades do sistema capitalista. Chega também como um convite a transitarmos na direção de um futuro melhor para todos, principalmente, para os mais excluídos que agora, no contexto pandêmico, não só aumentaram, mas ficaram mais visibilizados, e não há mais como ficar assistindo esses movimentos de casa num Brasil que em plena pandemia caiu cinco posições no ranking do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) das Nações Unidas, passando da 79ª para a 84ª posição, entre 189.

Desse modo, num primeiro momento, apresentarei uma contextualização de aspectos e suspeitas da transição ambiental a partir do olhar da Crise dos Fundamentos da Educação Ambiental; num segundo, apresento perspectivas e reivindicações pela transição, a partir do



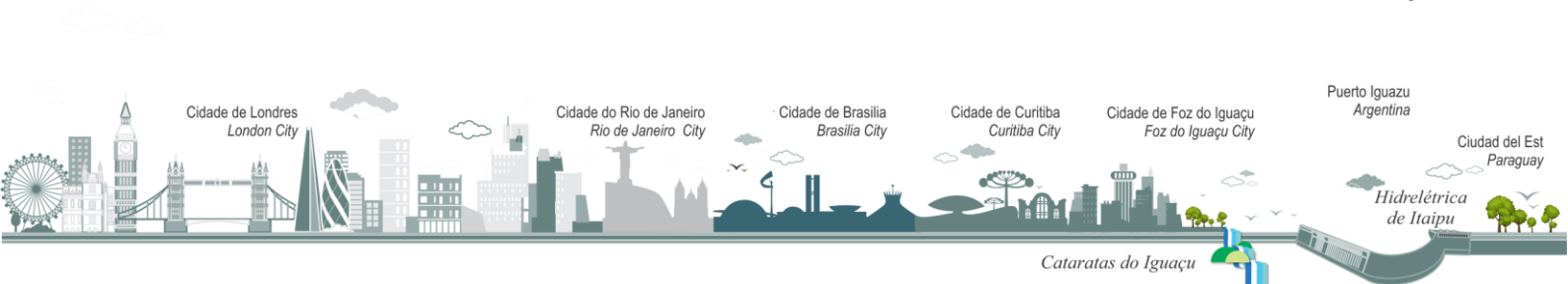


olhar da Ecologia Cosmocena e num terceiro, apresentar lampejos da transição ambiental no contexto da pandemia da COVID19.

Entendo a transição ambiental como movimento ontológico de estar sendo no mundo nas suas múltiplas relações com o universo de onde necessitamos ampliar nosso olhar e a forma de ser no sentido de buscarmos compreender mais e melhor a vida. A transição é a demonstração tácita de que o ser humano não se encontra mais no mesmo referencial que por muito tempo teve como refúgio. A transição é um chamado a buscarmos construir outra escala axiológica para nos orientar e assim possamos colocar a vida como pano de fundo em todas as relações que estabelecemos. Transição ambiental reconhece o campo ambiental como um dos campos mais fecundos para sensibilizar, mobilizar, conscientizar, o humano para mudanças urgentes fundamentais. Essas mudanças apontam para o que buscávamos de modo mais tênue, mas que, no entanto, não tínhamos a coragem de fazer. Por isso a transição reivindica coragem, esperança crítica, e maior amor pela humanidade. Nela a pauta da vida deve orientar esse novo olhar. A transição ambiental causa insatisfações, rejeições, suspeitas, negações, por aqueles que defendem um horizonte necrófilo, racista, machista, xenofóbico, enfim com preconceitos de todos os matizes. Transição ambiental demarca um horizonte de possibilidades para vivermos melhor a vida no enfrentamento daquilo que ainda necessitamos aprender.

Transição ambiental emerge no momento em que a humanidade mais está pensando sobre a vida. A dimensão ambiental cria uma fresta de esperança na janela da vida. A partir de possibilidades ambientais somos convidados a reconhecermos novas formas e modos de habitarmos esse planeta coletivamente. Transição sim porque exige que nos mobilizemos. O ontem nos escapa, o hoje é efêmero e o futuro ainda não nos pertence. A transição reivindica abertura ontológica para existirmos de outros modos.

Transição ambiental para tempos sombrios, com dificuldades gigantescas de convivência e de compartilhamento da vida. Tempos de ataques bárbaros aos movimentos e populações que defendem a vida com radicalidade. Tempos em que a cultura do ódio e do negacionismo esqueceram já há muito o valor da vida. Penso que pelo olhar ambiental podemos estar contribuindo com a maior temática geradora de nosso tempo: o existir.



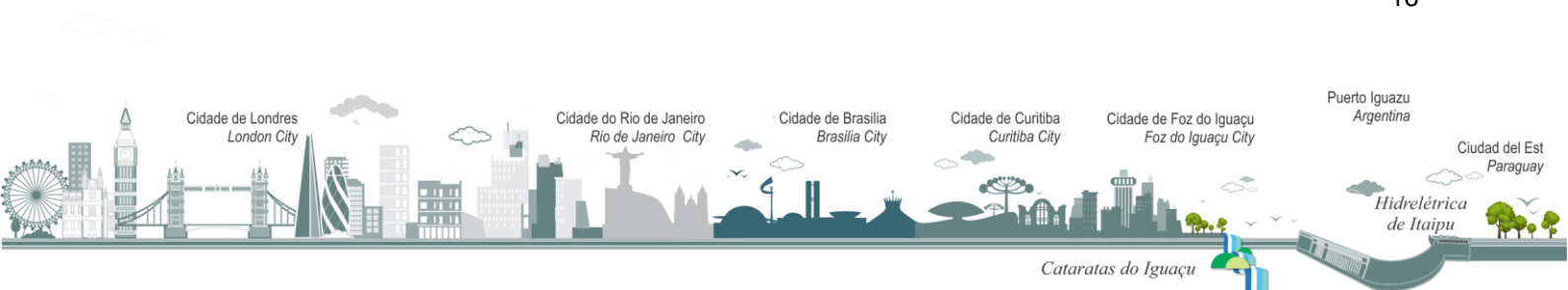


Que possamos refletir sobre o existir e sobre as múltiplas relações que estabelecemos nos movimentos transitórios. Alguns movimentos que já realizamos nos demonstraram que não levaram a melhoria das condições sobre como habitamos o planeta. Já não temos mais a *cabana de Heidegger* para nos distanciarmos do mundo e buscarmos o sentido do ser. No entanto podemos realizar outros recolhimentos que nos permitam colocar as questões centrais já posta pelo pensadores pré-socráticos sobre o sentido da existência humana. Quem sou eu? De onde vim? E para onde eu vou? Somos de fato aquilo que somos ou aquilo que os outros nos disseram que somos? Essa busca de sentido da vida, num horizonte de ambiente inteiro onde a transição ambiental permite reconhecer o quanto a pandemia da COVID19 desloca o futuro distanciando ainda mais para um terreno de incertezas, outrossim, chama o ser humano para uma conversa com o presente que está agora de frente conosco, nos exigindo essa reflexão e nos compreendendo como seres em transição ambiental.

## VESTÍGIOS DA TRANSIÇÃO AMBIENTAL: DA CRISE NOS FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL, EMERGÊNCIA DA ECOLOGIA COSMOCENA A NECESSIDADE DE UMA ONTOEPISTEMOLOGIA AMBIENTAL

Era julho de 2015, por necessidade de um compromisso profissional produzi um texto que mais tarde integraria a Edição Especial do XV Encontro Paranaense de Educação Ambiental – EPEA, que na ocasião foi realizado na Unicentro em Guarapuava no estado do Paraná. Ali reuni leituras e estudos pretéritos com o objetivo de entender a crise no campo dos Fundamentos da Educação Ambiental, associada com a crise ambiental e com a crise nos paradigmas que orientam o pensamento ocidental científico, com atenção especial ao campo das ciências humanas.

Para dar conta desse esforço hermenêutico compreensivo realizei alguns movimentos a partir de leituras de Nietzsche, Freud, Heidegger, Michel Foucault, Adorno e Horkeimner, Habermas e Gadamer. Procurei associar essas leituras e outras vivências e militâncias para pensarmos a referida crise no contexto do pensamento pós-metafísico. Esse estudo permitiu a compreensão não apenas do aprofundamento das faces da crise ambiental, como também as limitações de um modo de pensar e fazer ciência que, associado a racionalidade



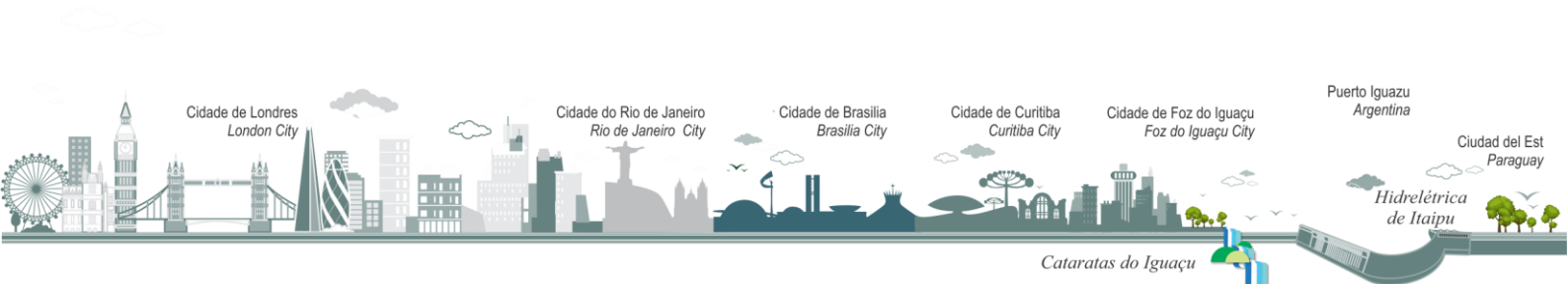


instrumental que orienta a ciência moderna, apresentam graves patologias socioambientais. Para além de um debate meramente epistemológico o estudo apontou a necessidade de oferecermos no contexto do pensamento pós metafísico alternativas a crise.

Com base no pensamento de Habermas (2001) e Leff (2006) oferecemos contornos da racionalidade ambiental pós-metafísica que entre outros aspectos, mediante a crise reivindica: a dimensão plural da Educação Ambiental, a relevância dos Contextos e da linguagem, a mudança na relação sujeito-objeto, mudança na relação entre teoria e prática e a necessidade de um deslocamento da dimensão estritamente epistemológica para a dimensão ontológica. Essa compreensão receberá maior maturação mais tarde no texto *Ontoepistemologia Ambiental* (PEREIRA, FREIRE; SILVA, 2019).

Entre tantas compreensões o estudo da crise nos Fundamentos da Educação Ambiental reforça a necessidade de perspectivas ontoepistemológicas abrangentes e acolhedoras de compreensões da dimensão ambiental muito mais inteiras, que se relacionam com compreensões de natureza-humanidade indissociáveis. Para esses deslocamentos se justifica a necessidade da racionalidade ambiental pós-metafísica. Do movimento epistemológico de Habermas e Leff encontramos frestas hermenêuticas de possibilidades de ressignificarmos o campo dos Fundamentos da Educação Ambiental. (PEREIRA, 2015).

Esse exercício foi muito profícuo pois cria abertura e a necessidade de outros olhares ecológicos. É nesse contexto que penso e sistematizo a *Ecologia Cosmocena* (PEREIRA, 2016). A referida Ecologia foi empreendimento de um esforço hermenêutico no sentido de repensar a relação humanidade-natureza. Ela parte do reconhecimento do horizonte da era antropocena, em que se avalia o impacto das atividades humanas como determinantes na alteração ecológica do planeta, e se situa como uma Ecologia que denominamos Cosmocena – não enquanto uma era, mas enquanto uma necessidade hermenêutica de reposicionarmos a referida relação. Ali fiz uso de estudos de inspiração em leituras da Hermenêutica (Gadamer, 2002); Física Quântica e Ecologia (Capra, 2006; 2011); Pensamento Pós-Metafísico (Habermas, 2002; Leff, 2006); astrofísica e Filosofia – Inteligência Espiritual (Zohar; Marshall, 2012); Ecologia e Ética (Boff, 2012); Ambientalismo e Medicina (Lovelock, 2010), e Biodiversidade (Wilson, 2008). Esses referenciais nos indicam a possibilidade de uma





ecologia com maior sintonia entre a natureza e a humanidade, redefinindo olhares, vivências e aprendizagens com o cosmos.

Assim defino a Ecologia Cosmocena como:

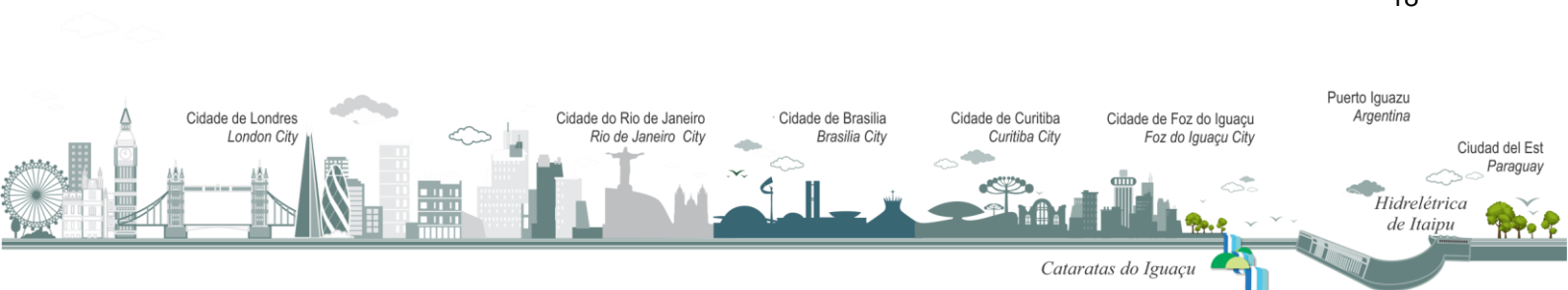
como uma alternativa viável para pensarmos as relações entre seres vivos e não-vivos no sentido e podermos garantir melhor qualidade de vida no planeta e, quem sabe, no universo. Ela nasce em meio a este cenário de desesperança e medo reforçado pela Era Antropocena e pelas conseqüentes crises: dos fundamentos da EA, do paradigma filosófico metafísico, da racionalidade ocidental e do sujeito, do esgotamento do sistema capitalista, da lógica do lucro e conseqüentemente da crise financeira, crise política, socioambiental e, fundamentalmente, da crise de sentido existencial-ontológico sobre o espaço e sentido humano no cosmos. Emerge também de uma profunda intuição hermenêutica de que é necessário um reposicionamento humano no cosmos no amplo conjunto das relações que estabelecemos cotidianamente com o universo com o qual nos encontramos conectados. Dessa forma, pode ser vista como ecologia também de ampliação dos sentidos, com a pretensão de alargar a nossa dimensão cósmica. (PEREIRA,2016, p.41).

A Ecologia Cosmocena apresentou muitos avanços e necessidades a transição ambiental nas suas reivindicações que vão desde a proposição: nova relação Natureza-Humanidade; desaceleração do tempo como garantia da vida, a sintonia com novas e velhas sabedorias, o cuidado como reaprendizagem vs. consumo desenfreado, a descolonização do mundo da vida, a necessidade de reconhecimento de um mundo diverso e sem preconceitos, a condição de incompletude, o lugar da Educação Ambiental na Ecologia Cosmocena.

Essas compreensões vão maturando à medida que vamos vivenciado outros eventos. Com o aprofundamento da leitura de Gadamer e Heidegger fica reforçada ainda mais a necessidade da transição ambiental. No entanto ela não poderia ocorrer a partir das mesmas lentes da ciência moderna de roupagem positivista. Foi essa compreensão que permitiu o avanço no sentido de uma definição de *Ontoepistemologia Ambiental* como vemos:

Concebemos por *Ontoepistemologia Ambiental* um modo de ser e de fazer ciência que considere nas suas múltiplas relações a totalidade da dimensão existencial humana e não humana presente no universo, considerando todas as outridades que são também sujeitos e que assumem e são portadoras de sentidos e experiência intersubjetiva. São também orientadoras de valores estéticos, éticos, espirituais, políticos, históricos e sociais nos quais a dimensão ambiental, desde já, encontra-se presente. Essas múltiplas

18





expressões ganham mais sentido, relevância, percepções e reconhecimentos na e pela linguagem. (PEREIRA, FREIRE, SILVA, 2019 p 7).

Em apressada síntese, esse é o contexto existencial ontológico e reflexivo do mundo pré-COVID19. Em minha compreensão a chegada da COVID19 acelera a compreensão tanto da crise como da necessidade da Transição Ambiental. Desse modo, a seguir estaremos apresentando mais algumas dimensões, rastros e desafios da transição ambiental enquanto esforço existencial filosófico de busca de sentido para nossa travessia. Desse modo, meu objetivo maior é contribuir com o campo no sentido de apontar para relações mais estreitas na defesa da vida.

## CONTORNOS DA TRANSIÇÃO AMBIENTAL

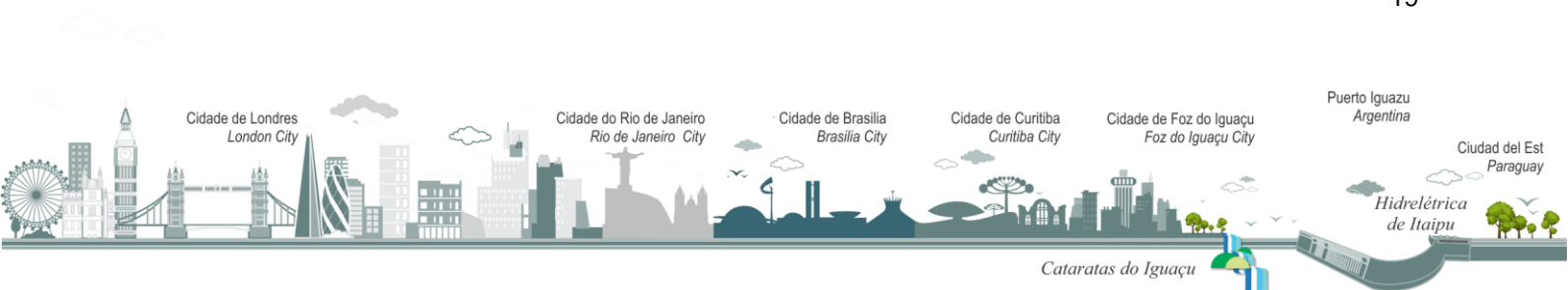
Em minha avaliação vivenciando esses movimentos de travessias que indicam a transição tenho que considerar os seguintes aspectos no terreno socioambiental:

### 1. A crise socioecológica

O contexto da transição ambiental nos faz olharmos novamente para o alcance da crise como uma crise socioecológica. Ela apresenta de modo irrefutável, o esgotamento do modo de produção capitalista e as suas insuficiências e incapacidades em resolver as maiores questões em defesa da vida. Portanto, esse cenário, decreta ainda mais o sistema capitalista como um sistema de destruição da vida. Dentre os sinais mais visíveis da crise está a emergência climática. Trata-se de uma crise com proporções imensuráveis, mas com vestígios, sinais e efeitos muito direto em nosso cotidiano.

### 2. A redefinição ontológica

A transição ambiental coloca para todos nós no contexto da pandemia da COVID19 as questões centrais sobre o sentido do ser e sobre a vida que vivíamos, bem como,







sobre a vida que queremos viver. Na verdade, emerge novamente as questões sobre o que de fato mais vale na vida numa sociedade que havia esquecido de viver a vida e que perdeu muita vida atrás de recompensas pré-fabricadas. Ela exige uma resposta que transvalora a lógica do sistema que se mostrou limitada. Coloca para nós novamente as questões do destino, dos endereçamentos que já tomamos e que iremos tomar no contexto pós COVID19. Reivindica a redefinição de valores e as possibilidades de novas escolhas possíveis num mundo no qual nem sempre temos o direito de escolher, principalmente sendo negro (as) educadores (as) ambientais populares, ou com engajamentos nos movimentos sociais.

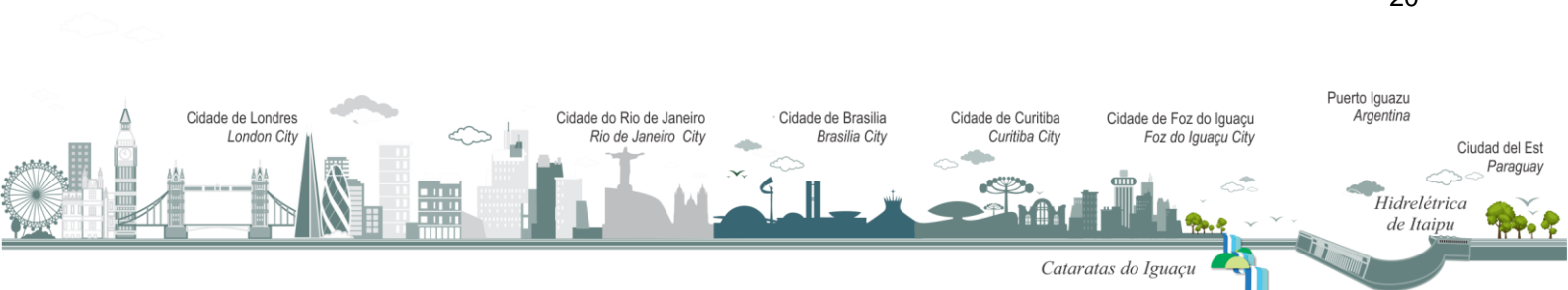
### 3. Demarcação de um novo tempo

A transição ambiental indica sim que estamos transitando para uma nova época. Talvez estejamos de vez assumindo a imersão no antropoceno. A pandemia aponta para isso como resultado de nossas ações sobre o universo. Talvez possamos despertar desse “sono dogmático” e mediante a existência ameaçada começarmos desde já construir coletivamente novas rotas, demarcadas pelo abandono de práticas que se encontram obsoletas pois, já sabemos o que produziram na relação humanidade natureza. É tempo de traçarmos novas rotas com orientação em outra escala axiológica.

### 4. As exigências de novas aprendizagens

Um movimento inicial dessa perspectiva demonstrei na obra *Como está sendo o agora: aprendizagens na travessia da pandemia da COVID19*. Ali procurei reforçar a necessidade dessa abertura hermenêutica de aprendizagem permanente. A transição ambiental considera o ser humano nesse movimento dialógico aberto ao mundo. Essa transição é muito difícil porque os humanos apresentam muitas resistências a mudanças. Esse fato estamos presenciando em plena travessia, quando vemos o retorno com frequências a práticas já saturadas do velho normal e que colocam a vida em risco, priorizando as necessidades da lógica econômica. No entanto, trata-se de uma condição necessária se quisermos preservar e garantir mais vida no planeta.

20





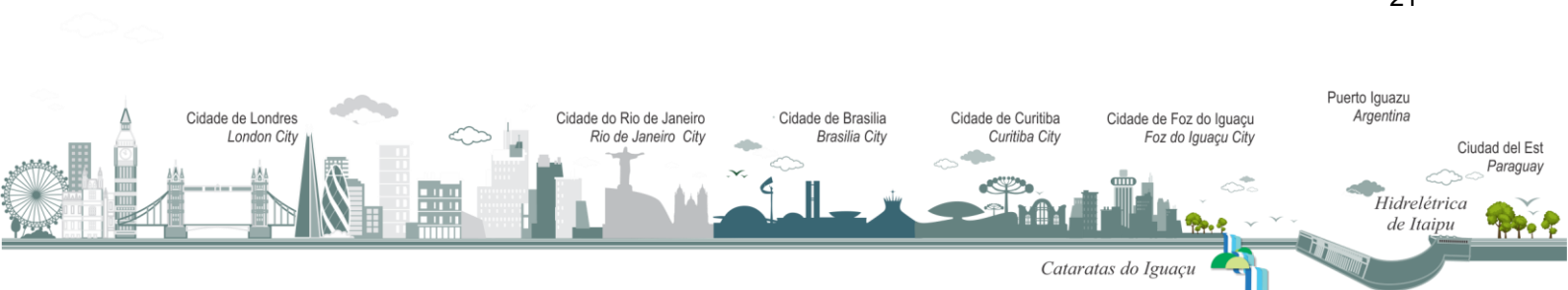
## 5. O abandono, enfrentamento e a rejeição de perspectivas necrófilas e a radicalidade da defesa da vida

A transição ambiental reivindica igualmente uma mudança radical quanto a defesa da vida. Ela pressupõe que avaliamos os grandes danos causados pela mitigação, encolhimento e em muitos casos extinção da vida. Exige que possamos avaliar melhor as falsas perspectivas de desenvolvimentos que se travestem de discursos “inovadores” “humanizadores”, mas que se traem porque a lógica que lhes orienta é necrófila e é a mesma que sustenta o sistema. Pensar a transição pressupõe posição firme naquilo que favorece e reconhece a expansão da vida em todas as suas dimensões. Essa posição sem dúvida passa por muitos enfrentamentos, escolhas e lutas radicais com ontologias opressoras que buscam esvaziar vida de sentido para sua manutenção no poder. Aqui estou fazendo menção a todas as injustiças socioambientais vivenciadas em nossa história, mas, principalmente nos últimos tempos num Brasil e América Latina com muitas perseguições, racismos, negacionismos e explorações da natureza humana e não humana. O contexto da pandemia nos possibilitou enxergar melhor as referidas injustiças.

## 6. Uma Educação Ambiental com os excluídos (as)

Demonstrei em *O que será o amanhã: a educação ambiental na América Latina e Caribe a Justiça Ambiental e o Covid19* o grande agravamento, que o contexto da pandemia cria em relação a problemas do mundo pré COVID19 que já eram problemáticas. No entanto a vulnerabilidade e os excluídos de todos os matizes é onde o agravamento é maior. São eles e elas excluídos que estão pagando um preço maior nessa transição. Os dados da Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL) indicam que estamos nos aproximando dos 300 milhões de pobres na América Latina. Quase 50% de uma população de 650 milhões. É a partir disso que defendo uma Educação Ambiental dos Excluídos. Isso significa um *a priori* em qualquer projeto e modo de atuação em diferentes contextos educativos. Essa educação colocará como questão primeira o reconhecimento e a busca de alternativas para os (as) excluídos (as) em qualquer projeto, sobre qualquer modo de nos

21





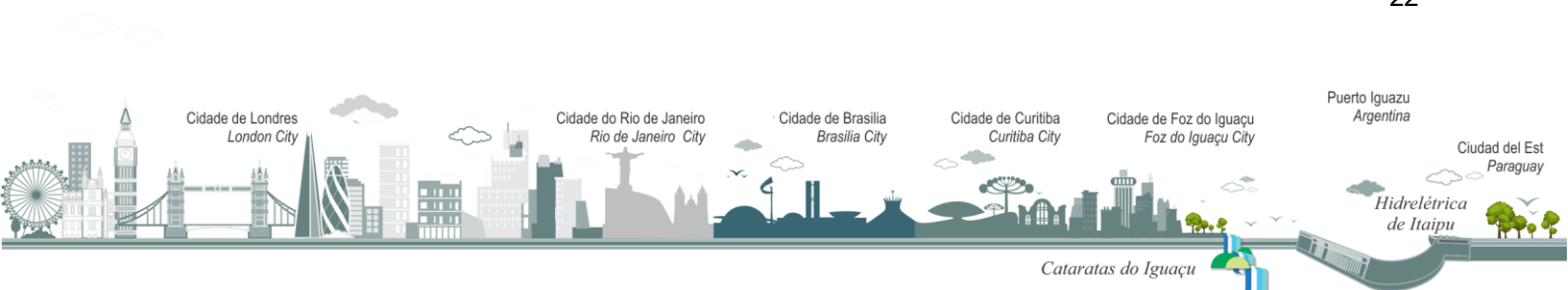
relacionarmos e convivermos no e com mundo. A Pandemia demonstrou que a vida é interdependente. Não há mais como fecharmos os olhos para esse reconhecimento e defesa política da vida humana.

## 7. Adoção do ecossocialismo e outras economias populares

Tendo sido decretado ainda mais o quanto o sistema capitalista é um sistema de descuido e destruição da vida, consideramos para a transição ambiental, a adoção do ecossocialismo pela sua compreensão de propriedade coletiva, pela sua ampliação democrática, pelas tecnologias das forças produtivas (LOWY, 2020). Trata-se uma perspectiva que defende mais a vida, a organização coletiva e comunitária e abre possibilidades que sustentam economias populares, solidárias, com maior abrangência pois se embasa nas potencialidades coletivas de convivência.

## 8. Modos de enfrentamentos e lutas pelo horizonte da ontologia da Esperança.

A perspectiva da Ontologia da Esperança (obra coletiva) contribui significativamente para a transição ambiental. Ela abre muitas frestas de esperança na janela de nossas vidas. No entanto como própria obra demonstra não é um esperar passivo. Defendo ali uma esperança militante, ativa, que se efetiva no enfrentamento das ontologias opressoras. É nesse contexto, que essa ontologia apresenta a necessidade da resistência coletiva; da luta pelo fortalecimento de políticas públicas inclusiva de mulheres negras; do racismo ambiental e estrutural, de enfrentamento crítico ao feminicídio de mulheres negras; de defesa de processos de reontologização do ser; da atualidade e fecundidade da educação ambiental crítica; de uma Ética Ambiental como fundamento do instante vivido; da racionalidade ambiental na orientação da Ontologia da Esperança; de uma ontologia ambiental como modo de questionamento à sociedade moderna; da defesa da Educação Popular e das Ações Afirmativas no contexto da Universidade Pública. (PEREIRA, MALTA 2020).



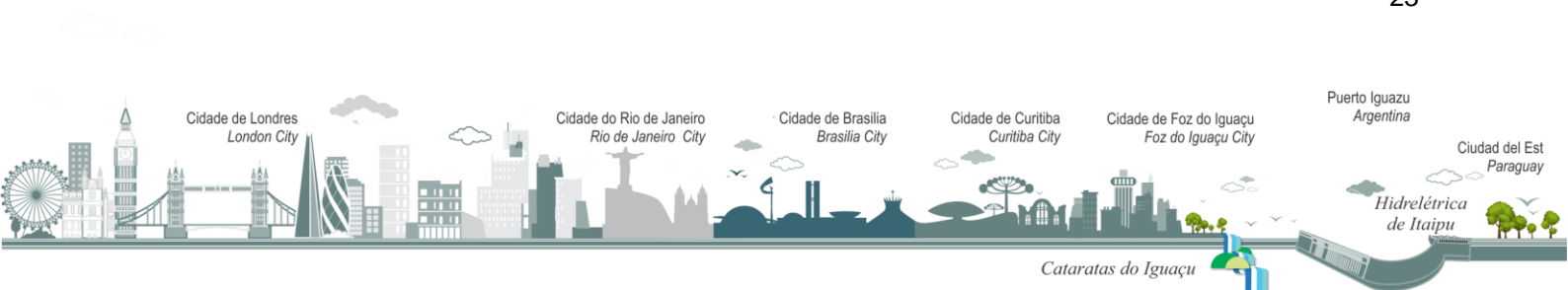


## 9. A adoção de Pedagogias e Éticas do cuidado

À medida que avanço minhas compreensões e percebo mais ainda os efeitos do sistema capitalista como um sistema de descuido, sinto que para a transição ambiental necessitamos ainda mais, de pedagogias e éticas do cuidado. A pandemia demonstrou isso de modo muito contundente. Precisamos nos cuidar mais. Demonstrou o quanto perdemos a vida nos cuidando pouco e desperdiçamos energias em supérfluos que não nos acrescentam potencialidades ontológicas e realizações mais plenas. A partir desse olhar defendo muitas formas de cuidado que vão desde as propostas por Boff (1999), até o cuidado cosmoceno (2016) que aponta a reflexão sobre como muitas vezes estamos cuidando de quem está longe e esquecemos de cuidar quem está perto. Nesse contexto da pandemia me mobilizei mais no cuidado com os familiares, cuidado com espiritualidade. Esse lugar me permitiu olhar para a necessidade de maior reconhecimento da alteridade que deixa de ser um substantivo feminino e assume radicalidade nas nossas necessidades de cuidado com os excluídos de todos os matizes. O desafio posto para essa transição ambiental é desenvolvermos pedagogias e éticas que nos indiquem outros horizontes que não esse da competição desenfreada, que nos coloca como rivais, com individualidades que competem estranhamente em disputas que acabam criando condições de adoecimento. Pedagogias e Éticas do cuidado para o enfrentamento de contextos com muitas patologias socioambientais. Pedagogias da vida que se validam no esforço contínuo e permanente de reconhecer a existência como primado ontológico. Pedagogias que busquem projetos que orientam a continuidade do humano no cosmos em relações mais inteiras com as demais outridades ambientais.

## 10. Abertura a incerteza

Os movimentos causados pela transição ambiental, pois transição é movimento, propiciam o abandono de receituários com verdades e ideias fixas, dogmas irrefutáveis. Tudo isso já vinha sendo colocado em questão. Em minha compreensão a pandemia da Covid19 reforça mais ainda a impossibilidades de formas e modos únicos de pensar se sustentarem. Não estou aqui advogando uma postura relativista,





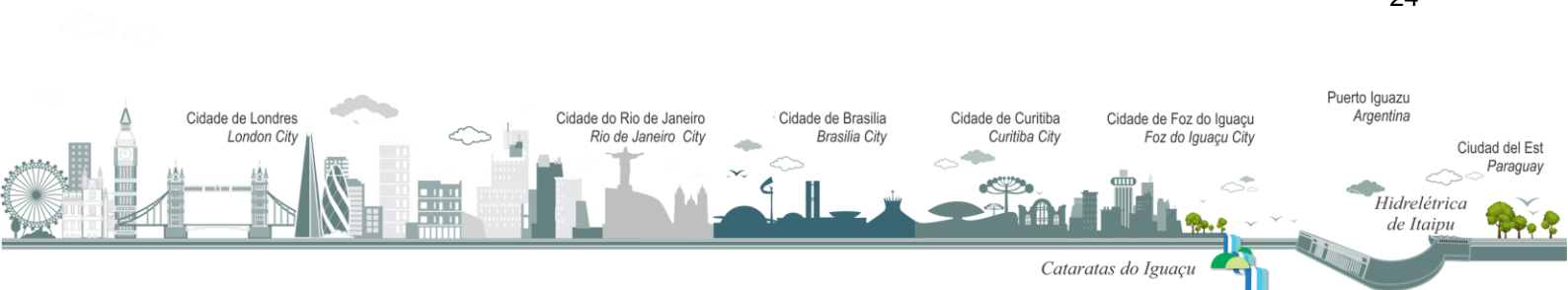
pois com aprendi com a filosofia alemã que onde tudo é permitido nada mais é valido. O que defendo mediante esses novos imperativos trazidos pela pandemia possamos ampliar os espaços de abertura ontológica para outros modos de ser e de conviver, de nos relacionarmos com o conhecimento, de valorização dos saberes ancestrais, e de sentido sobre existir no tempo presente. Nunca, sequer imaginávamos o quanto sentiríamos a necessidade de um abraço de um amigo (a) distante, nunca imaginávamos em termos despedidas de pessoas queridas que não fossem sequer possíveis estarmos em seus funerais. A incerteza invade o campo ontoepistemológico e cria mais espaços a partir dessa transição para redefinirmos o sentido da vida. Abre possibilidades de inéditos viáveis, superações, e aprendizagens inimagináveis. Penso que estamos sendo convidados a navegar mais na incerteza superando muitas vezes a dureza inflexível de nos colocarmos em tudo como portadores de sentidos e verdades, onde sequer permitíamos qualquer exercício da dúvida. Avalie seu ano e busque perceber quantas compreensões você ressignificou apenas nesse ano de pandemia da COVID19. A transição Ambiental acolhe esse movimento e essa abertura ontológica.

## 11. A Redefinição do papel da ciência

Há um bom tempo venho sentindo essa necessidade de outras formas de fazer ciência que possam de fato acolher a existência humana nas suas múltiplas dimensões. Foi esse apontamento que destaco no início desse texto quando defendo a necessidade de ontoepistemologias ambientais. Resultado de trabalho coletivo anterior ela pode ser muito fecunda para a transição ambiental.

Ela reivindica modos diferente de fazer ciência a partir de relações mais amplas e podem contribuir na orientação “de valores estéticos, éticos, espirituais, políticos, históricos e sociais nos quais a dimensão ambiental, desde já, encontra-se presente. Essas múltiplas expressões ganham mais sentido, relevância, percepções e reconhecimentos na e pela linguagem”. (PEREIRA, FREIRE, SILVA,2019 p.7). Modos de fazer ciência que acolha a totalidade existencial e reconfigure de sentido a vida. Desse modo contribui para superarmos os limites estreitos das epistemologias que

24





não acolhem e dialogam com a vida humana e não humana em suas múltiplas expressões.

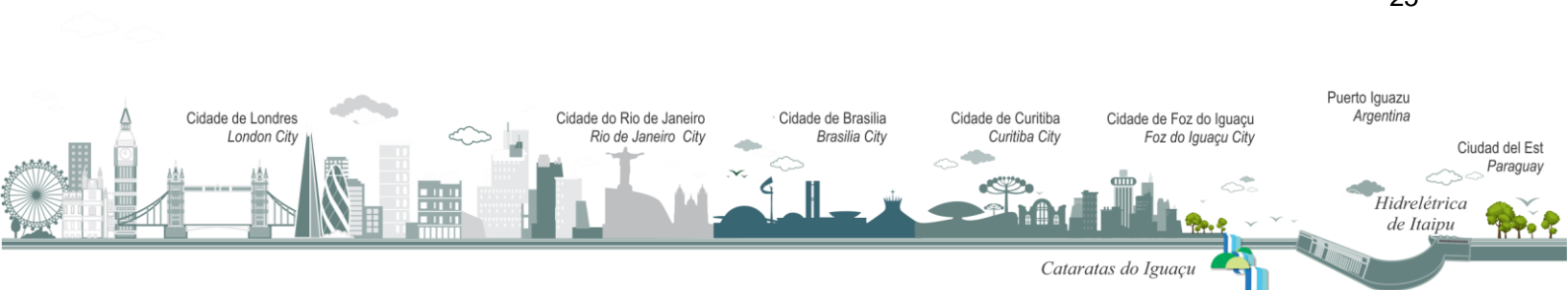
## 12. A dimensão Ambiental como um *apriori* reconhecido nos diferentes processos formativos

Com frequência tenho defendido em muitos trabalhos que a Educação Ambiental deve assumir um papel de maior relevância no contexto pós COVID19. O que estou considerando não se trata de um deslocamento espontâneo, pois como sabemos, a conjuntura demonstra, com muitos exemplos, esforços do atual governo que apontam no sentido contrário. Estou fazendo menção a necessidade criada pelo contexto da pandemia de redefinirmos o sentido da vida em nossas agendas. Em minha compreensão, nessa redefinição a Educação Ambiental deva funcionar como um *apriori*, algo que precede as demais condições para convivermos, e planejarmos nossas ações. Esse *apriori* deve contribuir com as perguntas fundamentais sobre qual o sentido do que estamos fazendo e para quem estamos fazendo? como a vida é considerada nessa relação que estamos estabelecendo como o mundo, instituições, natureza dentre todas as outridades ambientais? Já sabemos que não há como negar a condição ambiental porque não se trata de inseri-la, pois desde já, nos encontramos em relações socioambientais que exigem nossa posição sobre a vida. Esse debate vai muito além de pensar a Educação Ambiental na escola, mas de reconhecer a dimensão ambiental na vida.

## 13. Despertar urgente para o valor das relações afetivas

A transição ambiental reivindica a importância do reconhecimento do outro na vida. Demonstra igualmente, o sentido que as relações afetivas assumem em nossa existência. Esta experienciamos isso de muitos modos na travessia da pandemia. Em experiências formativas descobrimos novos modos de socialização (pelo ensino remoto, webinar e *lives*), mesmo sabendo que não substituem a socialização que ocorre no brilho do olhar da relação presencial. As múltiplas ausências reivindicam que valorizemos mais os afetos quando nos encontrarmos. Fica reforçado o quanto as

25





relações afetivas precedem as relações conceituais. Mesmo que muitos ainda não acreditem nisso considero um horizonte que pode sim contribuir com transição ambiental. Outro desafio da transição consiste no reconhecimento do espaço e sentido que as redes sociais estão assumindo em nossa vida e a necessidade de superação de duelos digitais, de discurso do ódio por perspectivas projetos em favor da vida que possam alterar a psicosfera ambiental.

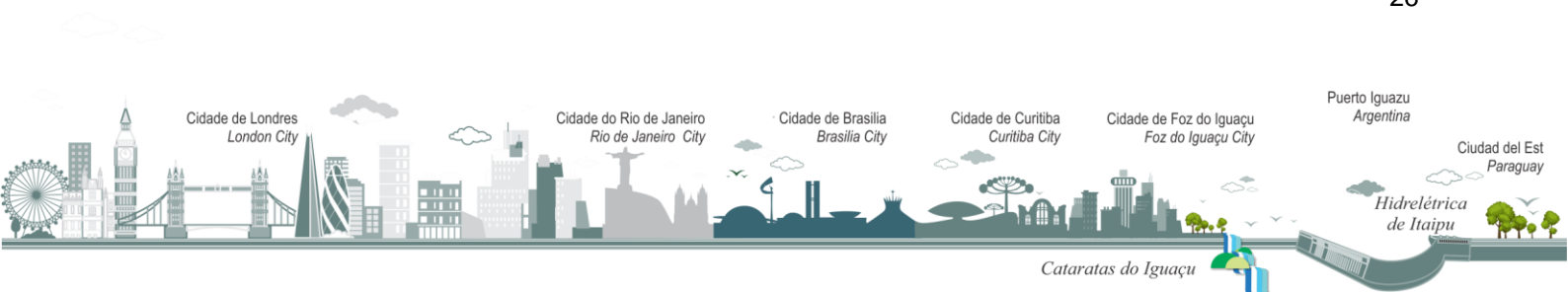
#### 14. Descolonização epistemológica

A transição ambiental reconhece a necessidade de movimentos que busquem processos de descolonização epistemológica. Processos que busquem maior independência e autonomia no enfrentamento da defesa da vida. Destaco dois exemplos exitosos no enfrentamento da pandemia. O Uruguai tem se demonstrado como um país com menor número de mortes na pandemia da COVID19. Até a presente data 120 morte em todo o país. Outro exemplo vem de Cuba que está enfrentando a travessia da pandemia com muito êxito e autonomia no cuidado com a vida. Esse não é o caso da grande maioria dos países que ficam dependentes das grandes economias em todas as esferas. Em minha compreensão descolonização epistemológica aumenta o pertencimento, valoriza nossos saberes e reconhece outros modos de conviver e gerir a vida para além das perspectivas globalistas e dominadoras do mundo. São movimentos para além da discussão epistemológica que se refletem nas relações socioambientais e políticas.

#### 15. Reconhecimento dos entre lugares da pandemia

A pandemia nos demonstra o quanto ressignificamos a ideia de lugar. Nós que somos herdeiros da noção de espaço e tempo moderno, fomos convidados e reavaliar essas dimensões em nosso cotidiano. Nesse sentido a transição ambiental nos apresenta a necessidade ainda maior de superação da noção de fronteiras de distanciamentos, de espaços físicos e metafísicos que perderam *status* privilegiados na pandemia. Esse movimento também nos possibilitou perceber muitas vezes os entre lugares que a própria educação ambiental se encontra e que a vida se situa. Não estamos no mundo

26





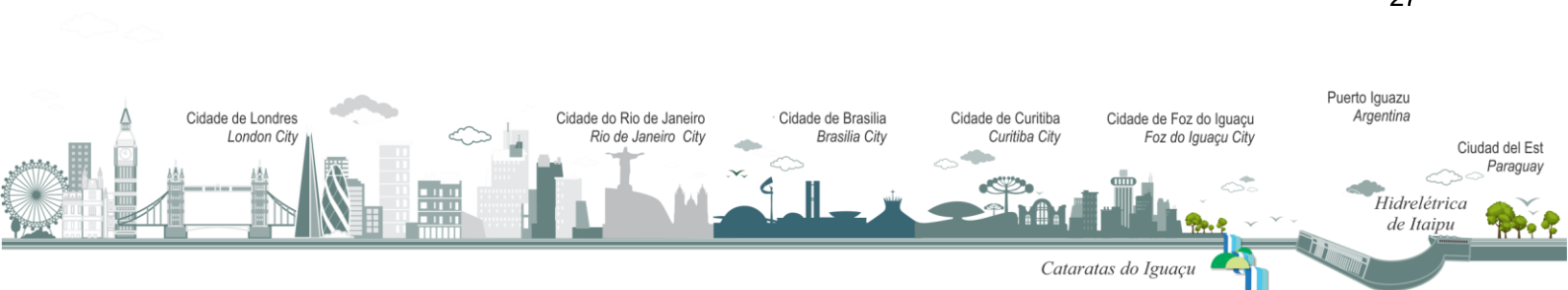
pré-COVID19 e não pertencemos ao contexto pós COVID19. Não temos mais os contatos e viagens que estabelecíamos presencialmente, no entanto cotidianamente convivemos com pessoas pelos recursos das tecnologias digitais. Há uma grande mudança nas compreensões sobre trabalho, mundo digital, novas formas de domínio e de aprendizagem. Por outro lugar fica reforçado o lugar dos invisíveis que pelo horizonte digital são milhares que sequer tem acesso à internet como demonstra o relatório recente da CEPAL. Há implicações diretas no sentido das relações de ensinamentos bem como no lugar em que ela ocorre. Assim a transição ambiental reivindica menos *status* a determinados lugares e reconhecimento de possibilidades que podem ocorrer, a partir do nosso ângulo de casa, por exemplo. Eu nunca fui há tantos lugares nesse ano sem ter saído de casa. Acredito que o mesmo deve ter ocorrido com você. No entanto, é importante termos o olhar crítico para ver quem busca ou está buscando definir por nós o nosso lugar a ser ocupado. Por isso a necessidade do olhar atento e crítico ao ensino remoto e ao uso das plataformas que estão a serviço de um sistema maior como nos demonstra Marcos Dantas. A transição ambiental como lugar não definido olha a vida de um entre lugar em movimento.

## 16. A humildade ontológica para saber recomeçar.

A transição ambiental nos coloca frente a dois caminhos: ou eu continuo como era antes não renunciando a minhas convicções e certezas ou eu reconheço que estamos em transição e permito esse movimento crítico e compreensivo, de abertura para outros modos possíveis de gerir a vida e conviver. Não significa um abandono total de nosso modo de ser, mas uma postura ontológica de abertura e de acolhimento. E foi esse o objetivo e o convite que faço através desse texto.

## INCONCLUSÕES

Esse estudo procurou demonstrar e apresentar contornos da transição ambiental que, mediante o contexto da pandemia da COVID19 que estamos vivenciando, apresenta alguns desafios de uma transição que deve ocorrer no campo ambiental considerando: a crise







socioecológica, a redefinição ontológica, demarcação de um novo tempo, as exigências de novas aprendizagens, o abandono, enfrentamento e a rejeição de perspectivas necrófilas e a radicalidade da defesa da vida, uma Educação Ambiental com os excluídos (as), a adoção do ecossocialismo e outras economias populares, os modos de enfrentamentos e lutas pelo horizonte da Ontologia da Esperança, a adoção de Pedagogias e Éticas do Cuidado a abertura a incerteza, a redefinição do papel da ciência, a dimensão ambiental como um *apriori* reconhecido nos diferentes processos formativos, o despertar urgente para o valor das relações afetivas, a descolonização epistemológica, o reconhecimento dos entre lugares da pandemia e a humildade ontológica para saber recomeçar. Trata-se um convite para pensarmos os grandes desafios socioambientais do nosso tempo.

Assim entendo que a Transição Ambiental poderá contribuir significativamente para o amanhã da Educação Ambiental.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução: Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BOFF, Leonardo. **As quatro ecologias**: ambiental, política e social, mental e integral. Rio de Janeiro: Mar de Idéias: Animus anima 2012.

\_\_\_\_\_. **Saber cuidar**: ética do humano - compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. Rio de Janeiro: Cultrix, 2006.

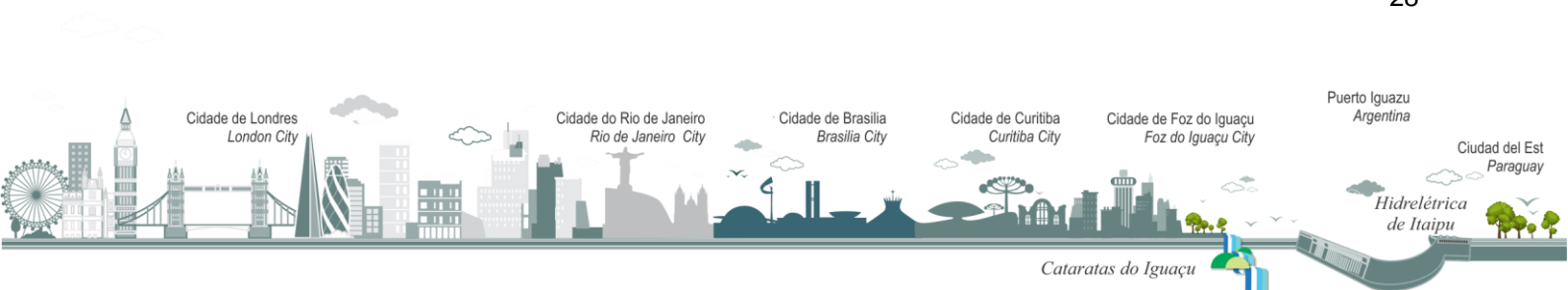
\_\_\_\_\_. **O Tao da física**: uma análise entre os paralelos entre a física moderna e o misticismo oriental. Cultrix: Rio de Janeiro, 2011.

GADAMER Hans-Georg. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução: Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 2002.

HABERMAS Y. **Teoría de la acción comunicativa**: racionalidad de la acción y racionalización social. Madrid: Taurus, 2001. v. 1.

\_\_\_\_\_. **Teoría de la acción comunicativa**: crítica de la razón funcionalista. Madrid: Taurus, 2001. v. 2

\_\_\_\_\_. **Pensamento pós-metafísico**. Tradução: Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.





HEIDEGGER, Martin. **Caminos de bosque**. Tradução: Helena Córtes e Arturo Leite. Madri: Alianza, 1993.

\_\_\_\_\_. **Ser e tempo**. Tradução: Márcia de Sá Cavalcante. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1989. t.1.

HERMANN, Nadja P. **Educação e racionalidade**: conexões e possibilidades de uma razão comunicativa na escola. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

\_\_\_\_\_. **Metafísica da subjetividade na educação: dificuldades do desvencilhamento. Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 1, n. 22, p. 81-94, jan./jun. 1997.

LEFF, E. **Racionalidade Ambiental**: a reapropriação social da natureza. Trad. Luís Carlos Cabral- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LOUREIRO, C. F. B. **Trajatória e fundamentos da educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004.

LÖWY, Michael. **Ecosocialismo, democracia e nova sociedade**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/591623-ecosocialismo-democracia-e-nova-sociedade>>. Acesso em: 15 de maio de 2020.

LOVELOCK, James, **Gaia**: alerta final. Tradução: Vera de Paula Assis. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral**. São Paulo: Abril Cultural, 1974 (Obras incompletas).

MÜHL, Eldon. H. **Habermas e a educação**: ação pedagógica como agir comunicativo. Passo Fundo: UPF Editora, 2003.

\_\_\_\_\_. **Modernidade, racionalidade e educação**: a reconstrução da Teoria Crítica por Habermas. In: ZUIN, Antonio Álvaro Soares; PUCCI, Bruno; OLIVEIRA, Newton Ramos de (org.). **A educação danificada**: contribuições à teoria crítica. Petrópolis: Vozes; São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 1997.

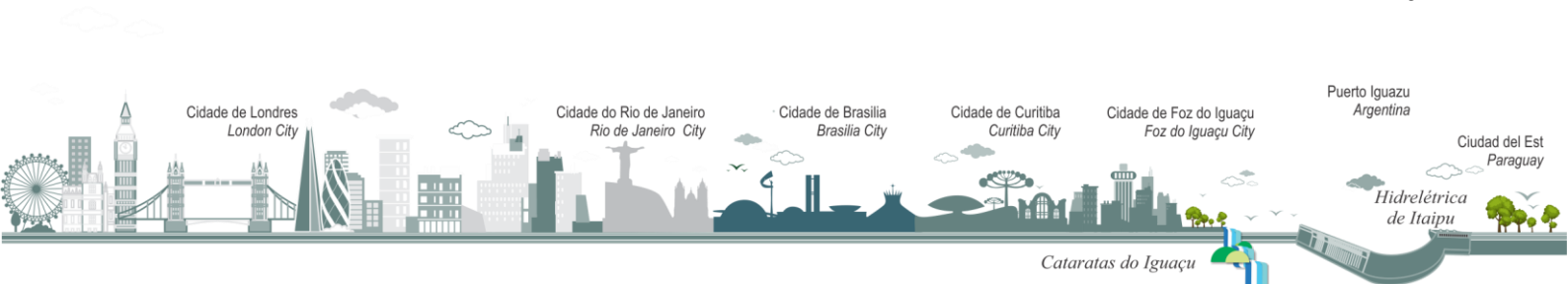
PEREIRA, V. A. **Ecologia Cosmocena**: a redefinição do espaço humano no cosmos. 1. ed. Juiz de Fora: Garcia Edizioni, 2016.

PEREIRA, Vilmar Alves. **O que será o amanhã?** Educação ambiental na América Latina e Caribe, justiça Ambiental e COVID-19. Juiz de Fora, MG: Garcia, 2020 (a)

Pereira, Vilmar Alves. **Como está sendo o agora**: aprendizagens na travessia da pandemia da COVID-19 [livro eletrônico] / Vilmar Alves Pereira. Campina Grande : Editora Amplla, 2020 (b).

PEREIRA, V. A; MALTA, M. C. (Org.). **Ontologia da Esperança**: a Educação Ambiental em tempos de crise. 1. ed. Juiz de Fora: Editora Garcia, 2020. (c).

PEREIRA, V. A; FREIRE, S. G; SILVA, M. P. da. **Ontoepistemologia ambiental**: vestígios e deslocamentos no campo dos fundamentos da educação ambiental. Pro-Posições, Campinas v. 30, e 20180011, 2019. Disponível em:





<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73072019000100532&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072019000100532&lng=en&nrm=iso)>. <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2018-0011>.

RORTY, Richard. **A filosofia e o espelho da natureza**. Lisboa: Dom Quixote, 1998.

ROUANET, Sergio P. **Mal-estar na Modernidade**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da modernidade**. Tradução: Elia Ferreira Edel. Petrópolis: Vozes, 1994.

VALE MOLINA, Petterson; CAIXETA, Daniel Andrade. **“Fronteiras planetárias” e limites ao crescimento**: algumas implicações de política econômica. Disponível em: <[http://www.ecoeco.org.br/conteudo/publicacoes/encontros/ix\\_en/GT5-112-37-20110609175812.pdf](http://www.ecoeco.org.br/conteudo/publicacoes/encontros/ix_en/GT5-112-37-20110609175812.pdf)>. Outubro de 2011.

WILSON, Eduard, O. **A criação**: como salvar a vida na terra. Tradução: Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia da Letras, 2008.

ZALASIEWICZ, Jan. **Antropoceno**: cientistas proclamam que estamos no nascimento de uma nova era geológica. Disponível em: <<http://www.ecodebate.com.br/2011/06/07/antropoceno-cientistas-proclamam-que-estamos-no-nascimento-de-uma-nova-era-geologica/>>.

ZOHAR, Danah; MARSHALL, Ian. **QS: inteligência espiritual**. Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Viva Livros, 2012.

